

O PAPEL DO PSICOPEDAGOGO EM RELAÇÃO ÀS CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

SANTOS, Andressa Anita

RU 1997559

PALOMA, Michely Isber Ruiz

RESUMO

Não se pode negar que a atuação psicopedagógica, bem como os fatores envolvidos na aprendizagem escolar contribuem para o desenvolvimento de competências e habilidades de cada aluno que possui algum tipo de dificuldade no processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, o principal objetivo desta pesquisa é analisar o papel da psicopedagogia, identificando as práticas psicopedagógicas e sua inserção nos ambientes escolares. Trata-se de um estudo bibliográfico com coleta de informações em fontes de pesquisa, em que foi possível levantar um acervo teórico rico sobre essa temática em sites como scielo e google acadêmico. Muitos tipos de análise de práticas psicopedagógicas foram desenvolvidas nos últimos anos, com destaque para a relação entre o trabalho do psicopedagogo e sua interferência na escolarização. Portanto, os resultados deste estudo revelam que a psicopedagogia possui um importante papel, visto que, está particularmente interessada nos métodos e práticas psicopedagógicas no intuito de auxiliar crianças e adolescentes com dificuldades de aprendizagem, especialmente, no contexto escolar.

Palavras-Chaves: Psicopedagogia. Aprendizagem. Dificuldades de aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que em comparação com outras crianças, especialmente, no ambiente escolar crianças e adolescentes apresentam certa desvantagem no desempenho escolar. Além disso, é importante levar em consideração que características individuais, experiências em ambientes familiares, escolares e socioculturais podem influenciar o desempenho acadêmico de crianças e adolescentes de diferentes maneiras.

Devido a isso a interferência psicopedagógica nas dificuldades de aprendizagem é um fator essencial, visto que, sujeitos com dificuldades sejam elas cognitivas, auditivas, visuais ou sensoriais, necessitam de um novo olhar. A Base Nacional Comum Curricular estabelece alguns objetivos de aprendizagem em diferentes etapas, e portanto, o objetivo que se propõe a Psicopedagogia é auxiliar de alguma forma nesse processo de aprendizagem.

À luz dessas considerações, o principal objetivo deste estudo é analisar o papel da psicopedagogia no que tange as dificuldades de aprendizagens apresentadas por crianças e adolescentes no espaço escolar. Através dos objetivos se pretende abordar acerca da aprendizagem significativa; identificar os principais tipos de dificuldades de aprendizagem; e, investigar as intervenções psicopedagógicas.

A fim de responder aos objetivos propostos foi levantado o seguinte questionamento: Qual a relevância das práticas psicopedagógicas no estabelecimento de uma aprendizagem significativa?

O que se propõe neste estudo, é um tipo de análise que deve ser duplamente contextualizada, logo, este estudo se justifica pela sua relevância para toda a área acadêmica que deseja se atualizar sobre as dificuldades de aprendizagem e as práticas pedagógicas. É um estudo de cunho bibliográfico, haja vista que, a partir de leituras, resumos e fichamentos em sites como scielo, capes e google acadêmico foi possível analisar concepções de aprendizagem, intervenções psicopedagógicas, a partir de autores como Haddad (2020), Sampaio (2011), dentre outros.

Descobrir o prazer de comunicar seus pensamentos, suas emoções, de saber, de raciocinar e como organizar suas atividades e personalidade tanto em seu raciocínio, como também em suas relações com os outros é essencialmente importante para as crianças e adolescentes que frequentam uma sala de aula. Além disso, ter a sensação de ter boas habilidades pessoais aumenta a autoestima e essa satisfação é aumentada pela valorização que recebe dos adultos.

A aprendizagem é um ciclo virtuoso que promove tanto a aquisição de conhecimento quanto o comportamento social, a escola também oferece uma experiência de socialização insubstituível, ela estimula crianças e adolescentes a se socializarem com colegas de outras origens, com histórias de vida e hábitos diferentes. Portanto, quando o psicopedagogo intervém juntamente com os professores avaliando o aluno em todas as suas dificuldades o aprendizado significativo flui.

2 A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

A forma como as crianças se desenvolvem, transformam e comunicam seus conhecimentos, individual ou coletivamente, tem implicações importantes em todos os níveis da organização de uma sociedade, que requerem o desenvolvimento de pesquisas, inovações e intervenções constantes. Essas preocupações cobrem na verdade, áreas tão vastas quanto a aquisição da linguagem pela criança, a criatividade, educação, formação e desenvolvimento de pensamento crítico.

Ao nível da escola, por exemplo, e durante séculos, os pedagogos desenvolveram técnicas varadas para melhor instruir os alunos, assim, com o passar do tempo foram se estabelecendo diferentes tipos de métodos e materiais de aprendizagem, conforme explica o autor:

Se há uma verdade em Pedagogia, não pode ser outra que esta: todos os seres humanos, sem exceção, não importam idade ou sexo, cor da pele ou situação socioeconômica, crença ou ideologia, são capazes de aprender. Diferentes podem ser o ritmo e a velocidade, os materiais e os métodos, as condições pessoais e o contexto da aprendizagem. Diversos também serão também as intenções e objetivos, as motivações e os interesses, mas desde que os fatores necessários estejam presentes, não resta dúvida de que ocorrerá a aprendizagem (PILETTI, 2013, p. 11).

Deste ponto de vista, compreende-se que a pesquisa desde o início do século XX tem sido particularmente rica em inovações de todos os tipos de métodos de aprendizagem, incluindo, a pedagogia ativa. A formação profissional acompanhou esse movimento, oferecendo reflexões sobre o trabalho individual. ou colaborativa tão específica e variada quanto seus diferentes ramos e qualificações, professores e técnicas de ensino para a aprendizagem.

Uma aprendizagem pode ser mecânica e pode servir a um objetivo específico, por exemplo, responder a um exame, mas não acrescenta muito interesse ao aluno para que ele possa se envolver. Mas, se o material a ser aprendido fizer sentido para o aprendiz, seu conhecimento será ampliado, David Ausubel (1978), no contexto da psicologia da aprendizagem, define este tipo de aprendizagem como aprendizagem significativa.

David Ausubel foi um teórico da aprendizagem cognitiva que se concentrou na aprendizagem de disciplinas escolares e colocou um interesse considerável no que o aluno já sabe como sendo o principal determinante de se e o que ele aprende

a seguir. Ausubel viu a aprendizagem como um processo ativo, não simplesmente respondendo ao seu ambiente, em que os alunos procuram compreender o que os rodeia integrando novos conhecimentos aos que já aprenderam.

Para Kleinke (2003) a aprendizagem significativa se desenvolve quando novas informações estabelecem relações com informações já existentes na estrutura cognitiva do indivíduo, essa abordagem tem relação com a rede semântica. Quando alguém encontra um material desconhecido completamente novo, ocorre o aprendizado mecânico, em oposição ao aprendizado significativo. Essa aprendizagem mecânica pode, eventualmente, contribuir para a construção de uma nova estrutura cognitiva que pode mais tarde ser usada na aprendizagem significativa.

É imperativo que os professores mudem de uma abordagem centrada no conteúdo para uma mais preocupada em responder à construção de um aprendizado que seja significativo para seus alunos. Para Ausubel (1982) a aprendizagem seria significativa através da combinação das seguintes seis dimensões de aprendizagem: conhecimento fundamental, a aplicação, a integração, interesse, o aspecto humano e conhecimento dos mecanismos de aprendizagem.

Compreender essa dinâmica permitiria aos professores desenvolver de forma mais criativa situações de aprendizagem interessantes e significativas para seus alunos. Todo o percurso parte da ideia de que o espaço é um elemento fundamental para favorecer a integração das pessoas com deficiência. O espaço ensina e inclui, assim como afeta os aspectos cognitivos e, portanto, a aprendizagem, da mesma forma, o ambiente físico desempenha um papel importante na determinação e no manejo da deficiência, pode, em alguns casos, acentuá-la ou, ao contrário, facilitar a superação.

Barone e Andrade (2012, p. 50) trazem contribuições para esse estudo, ao enfatizarem que “A proposta da teoria sócio-histórica, ao discutir a relação desenvolvimento-aprendizagem, aponta que a aprendizagem gera desenvolvimento, ou seja, o desenvolvimento é impulsionado pela aprendizagem”. Essa condição, não está ligada exclusivamente às características físicas, mas está relacionada a uma série de variáveis que derivam do contexto em que o indivíduo interage.

Ou seja, compreende-se, assim, que o local onde o aluno realiza a sua atividade didática é também o local onde nascem e se constroem as relações pessoais que, por sua vez, têm impacto no seu processo de crescimento e desenvolvimento. Organizar os espaços escolares de forma inclusiva significa garantir a plena partici-

pação nos processos de aprendizagem para todos e garantir o bem-estar emocional a todos os alunos, respeitando as suas diferenças.

Para além disso, desenhar o espaço escolar significa, antes de mais nada, pensar nas diferentes situações didáticas que podem ser escolhidas, o conceito de diversidade em todos os seus sentidos exige um ambiente seguro e enriquecedor, que reflita as diferenças individuais de cada aluno nas necessidades de formação e nas demais situações educacionais.

2.1 PSICOPEDAGOGIA E O FAZER PEDAGÓGICO

A educação passa pelos processos comunicativos que regulam a relação entre um indivíduo mais competente e um menos competente naquele contexto, permitindo a transmissão do primeiro para o segundo de conteúdos culturais. Mas também de comportamentos e modos de raciocínio próprios da comunidade social a que ambos pertencem. São processos comunicativos que permitem a aprendizagem, resultado natural de uma relação social educativa.

O termo educação deriva do latim *educare*, do qual são indicadas duas origens e dois significados distintos como *édere*, que significa "alimentar-se"; *ex-dúcere*, que significa "tirar" (LIMA; CASTRO; ARAÚJO, 2006). A educação é o conjunto de processos e ferramentas através dos quais uma sociedade transmite o património de conhecimentos, valores, tradições e comportamentos que a caracterizam de uma geração para a outra.

De acordo com Terra (2014, p. 21) "Para Confúcio, a missão fundamental da educação é ensinar a cada um, desde os primeiros anos de vida, como seguir na senda do saber cuja direção é a instrução". Tudo isso significa que qualquer relação entre indivíduos com diferentes graus de competência pode ser educacional, e, portanto, que os processos e sistemas educacionais permeiam toda a estrutura social em vários níveis.

Significa também que os conteúdos, comportamentos, formas de raciocínio veiculados nos processos educacionais são social e historicamente determinados. Segundo Bueno e Pereira (2013) a educação é um fenómeno social-histórico-cultural, em toda sociedade existem órgãos formalmente delegados à ação educacional, entre eles, os atualmente reconhecidos como principais são a escola e a família.

Portanto, pais e professores sabem que têm o dever de promover o desenvolvimento de seus filhos e alunos, reconhecendo como meta do seu papel educativo direcionar esse desenvolvimento para a formação de sujeitos adultos integrados e atuantes no contexto social de referência, e eles escolhem conscientemente os métodos com os quais atingir esse objetivo.

No que tange ao fazer pedagógico, considera-se que é importante no auxílio da atuação do psicopedagogo na identificação dos objetivos e métodos pedagógicos, é preciso e sistemático, sobretudo, no caso da escola, que neste sentido é um dos objetos de reflexão da pedagogia e o principal centro de referência para o desenvolvimento curricular. O termo pedagogia deriva do grego, *paidos*, "a criança" e *agode* "conduzir, conduzir, acompanhar".

Antigamente, o pedagogo era um escravo que acompanhava a criança à escola, trazendo-lhe o material, obrigando-a a repetir as aulas e acompanhando-a na execução das tarefas. "Dessa forma, o "pedagogo", entre gregos, romanos e outros povos da Antiguidade, era o escravo que conduzia as crianças de casa até a escola" (SANTOS, 2014, p. 01).

Dentre as definições possíveis de pedagogia, educação e escola, algumas recentes podem ser tomadas. A pedagogia requer interações significativas em sala de aula entre educadores e alunos, o objetivo é ajudar os alunos a desenvolver o aprendizado anterior e a desenvolver habilidades e atitudes. Para os educadores, o objetivo é apresentar o currículo de uma forma que seja relevante para as necessidades dos alunos.

Moldada pelas próprias experiências do educador, a pedagogia deve levar em consideração o contexto em que ocorre a aprendizagem e com quem, não se trata dos materiais usados, mas do processo e da estratégia adotada para levar à realização de uma aprendizagem cognitiva significativa. Conforme já mencionado por Santos (2014) *paidagogos* eram escravos encarregados de levar os meninos à escola e de volta, ensinando-lhes boas maneiras e ministrando-lhes aula.

No que tange ao fazer pedagógico e a sua relação com a psicopedagogia, percebe-se que o psicopedagogo é um profissional com formação geralmente multidisciplinar, que inclui a própria pedagogia, a psicologia, a antropologia, a sociologia. Conforme explica Visca (1991, p. 17) a psicopedagogia deve visar o processo de aprendizagem humana, onde o objetivo do psicopedagogo seja trabalhar a sociedade em geral".

O psicopedagogo é aquele profissional que atua em diferentes situações, especialmente, no ambiente escolar ele busca intervir e considerar as dificuldades dos alunos, sejam elas cognitivas, físicas e sociais. Crianças com dificuldades de aprendizagem podem se sentir negligenciadas ou desprezadas, recebendo frequentemente, feedback negativo das escolas e desenvolvendo uma compreensão adversa do mundo exterior.

Vale salientar, assim, que além da intervenção, a avaliação psicopedagógica se constitui como um importante passo em que o profissional psicopedagogo garantirá que todos os aspectos que prejudicam a aprendizagem da criança sejam identificados, conforme explica o autor:

Identificar os desvios e os obstáculos básicos no modelo de aprendizagem do sujeito que o impedem de crescer na aprendizagem no nível esperado pelo meio social. Assim, para conhecer esse modelo de aprendizagem, conta-se nos dois eixos descritos, com dados oriundos das observações da escola, da família e obtidos diretamente pelo terapeuta e por outros profissionais. Entendendo como o modelo de aprendizagem o conjunto dinâmico que estrutura os conhecimentos, o ritmo e as áreas de expressão, da conduta, a mobilidade e o funcionamento cognitivos [...] (WEISS, 2016, p. 35).

O atendimento psicopedagógico refere-se a programas e práticas educacionais concebidos para alunos com DA, sejam elas de cunho mental, física ou emocional e, portanto, requerem abordagens de ensino, equipamento ou cuidados especiais dentro ou fora de uma sala de aula normal

Não é fácil para crianças e adolescentes com algum tipo de deficiência acompanhar o ritmo de aprendizagem de outros alunos que não têm necessidades especiais, eles têm o direito de viver uma vida plena, explorando todo o seu potencial. Para Almeida (2002) uma criança ou adolescente pode precisar de repetidos ensinamentos e instruções antes de finalmente entender um conceito, organizando, assimilando e contextualizando o pensamento.

Por isso, o trabalho psicopedagógico é tão importante uma vez que pode andar de mãos dadas com o pedagogo ou professor trabalhando incansavelmente até que a criança tenha entendido qualquer conceito que esteja sendo ensinado. Nesse sentido, além do sistema escolar, atendimento psicopedagógico é uma necessidade e deve ser uma prioridade, pois assim como os outros, as crianças e adolescentes com dificuldades de aprendizagem têm o direito de receber uma educação adequada que as ajude a progredir na escolarização.

2.2 DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM: DISLEXIA E DISCAUCULIA

Sabe-se que dar esperança às crianças e incentivá-las a ir além e alcançar o que pensam ser impossível é a maior recompensa para um educador, visto que, educadores engajados e dedicados podem fornecer diferentes oportunidades para crianças e adolescentes com dificuldades de aprendizagem, abordando seus problemas de aprendizagem e ajudando-as a ter sucesso na vida escolar.

Para Correia e Martins (1999) Dificuldades de Aprendizagem dizem respeito a um grupo de desordem manifestadas em que ocorrem dificuldades significativas na aquisição e uso da leitura, escrita e cálculo. A principal característica desta categoria é justamente a especificidade, ou seja, o transtorno afeta um domínio específico e circunscrito de habilidades indispensáveis à aprendizagem.

No que tange ao conceito de dificuldades de aprendizagem é possível compreender que abrange muitos comportamentos conforme comenta o autor:

Podemos considerar o problema de aprendizagem como um sintoma, no sentido de que não aprender não configura um quadro permanente, mas ingressa numa constelação peculiar de comportamentos [...] Além disso, os autores que se dedicam a esse assunto usam os termos problemas e distúrbio de maneira indiscriminada. (JOSÉ; COELHO, 2008, p. 23).

Com base nas diferentes especificidades das dificuldades de aprendizagem, é possível listar algumas, como por exemplo, a dislexia, que é uma deficiência de aprendizagem específica caracterizada pela dificuldade de realizar uma leitura precisa ou fluente. No início do processo de escolarização, a criança apresenta dificuldade em reconhecer as letras do alfabeto, em estabelecer a correspondência entre signos e sons gráficos e em automatizar esse processo de conversão.

Em sua obra “Dislexia do Desenvolvimento e adquiridas” Salles e Navas (2017) explicam que um dos principais aspectos que deixam claro que há um transtorno de leitura diz respeito à falha no reconhecimento dos nomes das letras. Essa dificuldade afeta o aprendizado escolar e as atividades de vida diária que exigem a leitura de textos escritos.

Sabe-se que para cada pai e cada professor há algo de mágico na velocidade e naturalidade com que a maioria das crianças que em apenas meses de escola, aprendem a transformar aquele complexo sistema de símbolos que é o alfabeto em palavras significativas. Infelizmente, porém, esse não é o caso para todas as crian-

ças, visto que, algumas não aprendem a ler ou pelo menos se o conseguem fazem com grande dificuldade.

Em alguns casos, pais e professores ficam imediatamente alarmados, assumindo diagnósticos muito precoces e incorretos, para outros, entretanto, o tempo passa, esperando que o assunto passe. Prova disso é o fato de que, cada vez com maior frequência, são solicitadas consultas para possíveis diagnósticos de Distúrbio Específico de Aprendizagem da Leitura em adultos, muitas vezes universitários, que enfrentam com grande dificuldade a escolaridade, embora com bons resultados, assim, o sentimento de baixa-estima merece uma atenção cuidadosa (BONINI et al., 2010).

Ao promover um estudo sobre a diferenciação de Dificuldades de Aprendizagem e Distúrbios de Aprendizagem França (1996) explica que as Dificuldades de aprendizagem têm caráter provisório e referem-se a alguns tipos de desordem que interferem no ritmo e no tempo de aprendizagem. Os distúrbios de aprendizagem, por sua vez, referem-se ao funcionamento biológico do indivíduo.

No que tange a Dislexia, embora por alguns anos tenha-se ouvido falar com frequência sobre dislexia, para muitos ainda não está totalmente claro o que significa esse termo. O significado da palavra dislexia pode ser rastreada, como sempre, na língua grega, e indica uma disfunção (dis) no uso de palavras ou linguagem, no entanto, a dislexia não tem a ver com a linguagem como um todo, mas, em particular, com a leitura.

Ela pode surgir tanto em pessoas que já aprenderam a ler quanto em crianças que nunca aprenderam a fazê-lo corretamente, no primeiro caso, fala-se de "dislexia adquirida", ou "dislexia em adultos", Uma vez que geralmente afeta adultos e depende de um trauma cerebral ou doença neurológica que afeta áreas do hemisfério esquerdo do cérebro. A forma de dislexia que surge em crianças durante o aprendizado é chamada de dislexia do desenvolvimento.

Spear, Swerling e Sternberg (1996) classificaram os disléxicos quanto ao nível de leitura, ou seja, em leitores não alfabéticos, compensatórios, não automáticos e tardios. Desde os primeiros meses, a criança com dislexia pode apresentar certa lentidão no aprendizado da leitura, se esforçando para memorizar as letras do alfabeto e muitas vezes as confunde.

Algumas crianças ou adolescentes confundem letras com características visuais semelhantes, outras tendem a confundir letras com som, pronúncia e local de

articulação semelhantes, como "f" e "v" ou "t" e "d". Obviamente, todas as crianças em seus primórdios no mundo da leitura cometem esses tipos de erros, mas eles os superam depois de apenas alguns meses de escola.

Segundo Bonini et al. (2010) alguns podem continuar a precisar fazer um esforço para entender instruções, apresentando pouco vocabulário para a produção de frases, isto leva-os a serem particularmente lentos e imprecisos na leitura e, sobretudo, a cansar-se de realizar esta atividade. Outros sintomas da dislexia podem se manifestar mais tarde, quando a criança deve ler palavras e frases com fluência, este é o momento em que pode-se começar a distinguir as duas formas diferentes de dislexia do desenvolvimento, a fonológica e a superficial ou visual-global.

Por sua vez, no que diz respeito a Discalculia do desenvolvimento, de acordo com os critérios diagnósticos do DSM - V, é um termo que diz respeito, em particular, à incapacidade de aprender e automatizar os mecanismos de cálculo ou contagem numérica, bem como os processos de leitura ou escrita de números e ou armazenamento de tabelas. A incapacidade de aprender pode envolver todos os processos descritos ou apenas alguns deles, por isso é possível que uma criança não consiga aprender a tabuada mas não tenha dificuldade em gerir números, contar e procedimentos, ou vice-versa (DSM-V, 2014).

Tal como acontece com todas as outras dificuldades de aprendizagem, este distúrbio pode ser observado em crianças e jovens com inteligência normal, sem qualquer déficit sensorial ou distúrbio neurológico, não depende de não ter estudado o suficiente, mas do fato de que, apesar do estudo e compromisso, não consolida certas aprendizagens (VILLAR, 2017).

Existem também formas de discalculia não evolutiva, neste caso, fala-se de discalculia adquirida, que conforme comenta Santos (2020) podendo ocorrer em decorrência de lesão cerebral no sujeito que, jovem ou adulto, havia desenvolvido habilidades matemáticas adequadas antes do dano.

No entender de Wajnsztein e Wajnsztein (2009, p.187) “Essa dificuldade específica na matemática pode ocorrer concomitantemente a outros transtornos de aprendizagem como: TDAH, Dislexia, atraso de linguagem”. As discalculias adquiridas, entretanto, não estão incluídas no TEA, precisamente porque não têm um início evolutivo e, em vez disso, estão ligadas a traumas cerebrais ou doenças neurológicas particulares.

Segundo os estudos de Oliveira (2017) a discalculia do desenvolvimento tende a se manifestar durante os primeiros anos do ensino fundamental, desde o início, as crianças com discalculia mostram dificuldade em aprender habilidades matemáticas básicas, fazer cálculos simples ou memorizar tabuadas. Porém, o diagnóstico de discalculia só pode ser feito a partir do final da terceira série do ensino fundamental, a fim de reduzir o número dos chamados falsos positivos.

Ou seja, aquelas crianças que têm um ritmo de aprendizagem mais lento, mas que nos primeiros três anos da escola recuperam espontaneamente suas dificuldades e acompanham o ritmo de seus pares.

A Discalculia ou transtorno específico da habilidade em aritmética ou transtorno da Matemática, portanto, manifesta-se através da dificuldade para realizar operações elementares de adição, subtração, multiplicação e divisão, sem que seja resultado de um ensino inadequado ou retardo mental global (CID- 10, 1993).

As dificuldades de compreensão e produção numérica não dizem respeito apenas à leitura e escrita de números, mas também de forma mais geral aos mecanismos de contagem. Crianças e adolescentes com esse tipo de dificuldade geralmente memorizam a sequência de números mais lentamente e realizam a contagem ascendente e descendente com maior esforço. Além disso, muitas vezes já são observadas dificuldades na memorização dos números, o que inevitavelmente leva à sua compreensão e transcrição incorretas.

2.3 IMPORTÂNCIA DAS INTERVENÇÕES PSICOPEDAGÓGICAS

Sabe-se que a psicopedagogia tem como meta entender o processo de aprendizagem e todo o processo de desenvolvimento do sujeito, considerando como ocorrem as transformações em relação ao aprender, e também considerando o processo de inter-relação de aspectos sociais, emocionais, culturais e pedagógicos. Os psicopedagogos trabalham em diferentes áreas, seja escolar, hospitalar ou organizacional.

No contexto escolar, as intervenções visam atender crianças, adolescentes ou jovens auxiliando em suas dificuldades de aprendizagem, algumas áreas em que as intervenções são essenciais dizem respeito a leitura e escrita, ou nas habilidades matemáticas.

Auxílios e ferramentas interventivas devem ser usadas para aprimorar as habilidades das crianças que possuem algum tipo de dificuldade, sobre o papel do psicopedagogo, foi enfatizado que:

O psicopedagogo precisa estar atento às inúmeras possibilidades de intervenção, levando em conta as dificuldades apresentadas pelos clientes que buscam sua ajuda bem como a própria disponibilidade frente a novos aprendizados demonstrados por estes (GAMBA; TRENTA, 2009, p. 02)

Frequentemente, os auxílios usados para intervir nas dificuldades de aprendizagem devem ser levados em consideração, em que os psicopedagogos devem apresentar ideias e proposições que atendam aos seus requisitos específicos e uma metodologia de tentativa de tornar o aprendizado mais fácil para o aluno com DA. Se uma ferramenta não funcionar, ela deve ser eliminada e outra ferramenta mais adequada deve ser usada em seu lugar.

Essas ferramentas devem ser implementadas após uma avaliação psicopedagógica e, em muitos casos acompanhada por um projeto educacional personalizado e considerações e conselhos educacionais para a escola e a família. A escola, depois da família, é o principal local de formação e socialização do indivíduo, portanto, um dos pilares sobre o qual se alicerça para a promoção do bem-estar psicofísico e emocional das crianças.

Fica evidente, assim, a necessidade de estabelecer espaços de comunicação constante e contínua ao longo do ano letivo, com o objetivo de adquirir, processar, tratar e melhorar todas as dificuldades e problemas de alunos com DA de forma a enriquecer os contextos de vida das crianças e adolescentes, intervindo em diferentes níveis tanto para os sujeitos envolvidos como para as diferentes fases do ano letivo.

Uma ferramenta bastante interessante a ser utilizada na intervenção psicopedagógica é o lúdico em que, especialmente, os jogos pedagógicos podem ser utilizados como um fator de aprendizagem, por exemplo, um jogo é algo desafiador que requer habilidades.

Ao tratar sobre o lúdico na psicopedagogia Rodrigues (2016) entende “O lúdico como um fenômeno psicológico e também psicopedagógico, como um fator determinante no desenvolvimento infantil e sujeito humano, desenvolvimento cognitivo, físico, mental e emocional [...]”. Esse autor enfatiza a importância do jogo como uma atividade pedagogicamente eficaz, pois, através das ferramentas lúdicas os psico-

pedagogos podem organizar as aulas em etapas facilmente assimiláveis para tornar o aprendizado gradual, cumulativo e agradável.

. Crianças e adolescentes com dificuldades de aprendizagem são alguns dos principais beneficiários das ferramentas psicopedagógicas que envolvem a aprendizagem. Nesse sentido, jogos e ferramentas lúdicas envolventes promovem maiores oportunidades de aprendizagem e prática contínua, muitas crianças com deficiência de aprendizagem precisam de repetição para transformar as oportunidades de aprendizagem em conhecimento cristalizado.

Os psicopedagogos têm como principal função enriquecer o ambiente de aprendizagem, conforme explica o autor:

Psicopedagogos trazem para o contexto escolar um novo universo. Enriquecem a pauta de discussão com novos elementos, resultados de um outro olhar: o olhar psicopedagógico. Assustadoramente, algumas vezes, punham em xeque tudo aquilo que era tido como indiscutível, punham em xeque o olhar pedagógico, defendendo possibilidades e potenciais já desacreditados. São profissionais capazes de com base na articulação de diversos fatores, compreendendo os maus resultados e sugerindo novos caminhos para a intervenção (LANJOQUIÈRE, 2007, P. 35).

Por exemplo, o psicopedagogo pode utilizar uma caixa de ferramentas que deve estar equipada com testes específicos para o reconhecimento da dislexia em crianças e adolescentes. Além disso, pode-se utilizar diferentes tipos de testes padronizados para a avaliação da leitura em crianças, adolescentes e adultos.

A importância destas ferramentas reside no fato de serem calibradas para diferentes faixas etárias e anos de escolaridade, permitindo assim medir a discrepância entre as competências que uma criança ou adolescente possui e as que deveria possuir de acordo com o que se detecta, avaliando o funcionamento de processos específicos de leitura.

Em casos de dislexia em crianças, portanto, percebe-se que é essencial iniciar um caminho de aprimoramento que ajude a criança a automatizar alguns procedimentos, a ler mais rápido, a aumentar o número de palavras visualmente reconhecíveis e, portanto, a melhorar a compreensão do texto. Existem no mercado e também como recursos gratuitos centenas de cadernos ou mesmo softwares multimídia que podem ser utilizados pelos psicopedagogos e, em alguns casos, até pelos próprios pais.

Para Safra (2006) é de fundamental importância que dentro de um espaço de aprendizagem sejam utilizadas ferramentas lúdicas, visto que, por si só já são terapêuticas. O brincar é uma projeção de conteúdos internos, passível de leitura, por parte do terapeuta, especialmente, no jogo simbólico, as crianças colocam-se em devir, colocam-se, em transformação.

Portanto, no contexto do processo ensino-aprendizagem a contribuição de diferentes ferramentas psicopedagógicas são essenciais, permitindo que educadores e psicopedagogos revejam suas práticas de ensino, adaptando no processo de ensino aprendizagem do aluno com DA os melhores recursos.

METODOLOGIA

Esta pesquisa foi composta de procedimento metodológico bibliográfico, em que foi possível analisar todas as especificidades acerca da respectiva temática, nesse sentido, este trabalho contém contribuições de estudos e pesquisas que buscaram, de alguma forma, dar resposta acerca da importância da psicopedagogia para o desenvolvimento de habilidades de crianças e adolescentes com problemas de aprendizagem.

Vale salientar que a base do estudo se deu a partir da pesquisa de palavras-chave, como por exemplo, psicopedagogia, dificuldades de aprendizagem, concentrando-se esta revisão da literatura na coleta de informações sobre as intervenções psicopedagógicas e a sua importância para o ensino de crianças e adolescentes com dificuldades de aprendizagem. Para tanto, as instruções de autores como de Cordeiro, Molina e Dias (2014) foram essenciais, visto que, trazem em sua obra orientações no que tange aos procedimentos metodológicos que podem ser adotados em um artigo.

Neste estudo, dentre outros, foi dado destaque para os autores que abordam as implicações do lúdico como uma ferramenta eficaz para o desenvolvimento das habilidades de alunos com DA, e o potencial que os jogos pedagógicos representam no processo de aprendizagem, visto que eu, se concentram nas necessidades cognitivas especiais do indivíduo.

Muitos são os estudos sobre o ensino da leitura para alunos em geral, contudo, na contemporaneidade, tem ocorrido uma crescente base de conhecimento sobre como ajudar os alunos que têm dificuldade em ler e escrever. Portanto, grandes

desafios têm se apresentado aos psicopedagogos, visto que, são os principais responsáveis pela implementação de intervenções psicopedagógicas no processo de ensino e de aprendizagem de crianças e adolescentes com DA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos realizados nesta pesquisa foram essenciais, visto que, contribuíram para a aquisição de novos conhecimentos no que tange as responsabilidades do psicopedagogo no que diz respeito ao aluno com dificuldades de aprendizagem. Foi possível, assim, constatar que um psicopedagogo que trabalha no ambiente escolar deve possuir qualidades, como ser organizado, paciente, intuitivo, criativo, detalhista, trabalhador, otimista, adaptável, bom humor, amor pelas crianças, amor pelo ensino.

Por muito tempo as crianças com necessidades especiais ou com dificuldades de aprendizagem apenas “sobreviveram” o século XXI, sendo excluídas dos benefícios e intervenções pedagógicas, pois, crianças com necessidades especiais sempre foram relegadas à sua sorte. No entanto, isso não é o caso quando os alunos com dificuldades de aprendizagem têm bons educadores.

A parte mais gratificante de ser um bom psicopedagogo é que ele é capaz de causar bons resultados no ensino dos alunos com DA, levando em conta a readaptação das atividades pedagógicas. Além do desenvolvimento de estratégias e intervenções psicopedagógicas que visem promover a autonomia dos alunos, e produzindo uma leitura fluente com oportunidades para a escrita, incluindo atividades informais de leitura que se constituem como algumas das intervenções essenciais no contexto escolar.

Na implementação de uma ampla variedade de materiais de leitura para quem tem dificuldade em ler, a metacognição é um aspecto importante da experiência de aprendizagem, o objetivo de intervenção é que a criança e o adolescente se torne um aluno construtivo, aprendendo a aprender e se tornar um aluno autorregulado. Portanto, qualquer abordagem psicopedagógica que vise melhorar as habilidades cognitivas dos alunos se torna extremamente importante.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, D. P. **A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo: Moraes, 1982.

ALMEIDA, L. S. Facilitar a aprendizagem: ajudar os alunos a aprender e a pensar. **Rev. Psicol. Esc. Educ.** 6 (2). dez 2002.

BONINI, F. V. Problemas emocionais em um adulto com dislexia: um estudo de caso. **Rev. psicopedag.** vol.27 no.83 São Paulo 2010.

BUENO, A, M, O; PEREIRA, E. K. R. O. **Educação, escola e didática: uma análise dos conceitos das alunas do curso de pedagogia do terceiro ano – UEL**. 2013; Disponível em: <https://www.uel.br/eventos/jornadadidatica/page> Acesso em 02 de julho de 2021.

CORREIA, L. M.; MARTINS, A P. **Dificuldades de aprendizagem: o que são? como entendê-las?** Porto: Porto Editora, 1999.

DSM-V. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-V** (American Psychiatric Association). 5ªed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ELIZABETH, E. et al. **Dificuldades de distúrbios de aprendizagem**. Curitiba: Intersaberes, 2019.

HADDAD, M. E. **Psicopedagogia**. Curitiba: Contentus. 2020. 57p.

KLEINKE, R. C. M. **Aprendizagem significativa: a pedagogia por projetos no projeto de alfabetização**. Florianópolis. 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/84933/192826.pdf> Acesso em: 02 de julho de 2021.

LANJOQUIÉRE, L. **De Piaget para Freud: para repensar as aprendizagens. A (psico) pedagogia entre o conhecimento e o saber**. Ed. 14. Petrópolis. RJ. Vozes. 2007.

LEAL, D; NOGUEIRA, M. Dificuldades de aprendizagem: um olhar psicopedagógico. Curitiba: Intersaberes. 2012.

LIMA, M. C. B; CASTRO, G. F; ARAÚJO, R. M. X. Ensinar, formar, educar e instruir: a linguagem da crise escolar. **Rev. Ciência E Educação**, v. 12, n. 2, p. 235-245, 2006.

OLIVEIRA, S.R.S. Discalculia: particularidades que dificultam o aprendizado de matemática no ensino fundamental/9. Castanhal. 2017. Disponível em: <https://bdm.ufpa.br:8443/jspui/bitstream/prefix/469/1/> Acesso em: 28 de junho de 2021.

PILETTI, Nelson. **Aprendizagem**. 17.ed. São Paulo: Ática, 2004.

SAFRA, G. Curando com histórias. São Paulo. Sobornost, 2005.

SANTOS, M. P. S. As múltiplas identidades profissionais do pedagogo: da Grécia antiga aos dias atuais. 2014. Disponível em: <https://professornews.com.br/component/content/article?id=5969:as-multiplas-iden-> Acesso em: 28 de junho de 2021.

SANTOS, V. M. Dificuldade de aprendizagem da matemática: discalculia. 2020, Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/> Acesso em: 23 de julho de 2021.

SPEAR-SWERLING, L; STERNBERG, R.J. Fora do caminho: quando os leitores pobres se tornam “Dificuldades de aprendizagem”. Boulder: West view Press. 1996.
TERRA, M. L. E. História da educação. São Paulo. 2014.

VILLAR, J. M. G. Discalculia na sala de aula de matemática: um estudo de caso com dois estudantes. Juiz de Fora. 2017. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/mestradoedumat/wp-content/uploads/sites/> Acesso em: 02 de julho de 2021.

VISCA, J. **Psicopedagogia: Novas contribuições**. Rio de janeiro: Nova Fronteira, 1991.

WAJNSZTEJN, A. C; WAJNSZTEJN, R. Dificuldades escolares: um desafio superável. 2. ed. São Paulo: Ártemis, 2009.

WEISS, M. L. L. **Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016.

WORD HEALT ORGANIZATION GENEVA. Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10. Descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Porto Alegre: Artmed. 1993.